

Resenha

O dialeto dos fragmentos. Friedrich Schlegel.
Trad. Márcio Suzuki. São Paulo, Iluminuras, 1997.

Luís F. S. Nascimento e Pedro Paulo Pimenta*

Um dialeto, diz o Aurélio, é uma variedade regional de uma língua, um linguajar. Mas qual seria a região própria a um dialeto dos fragmentos, de qual língua ele deriva? Antes de tentar dar alguma resposta a tal questão, devemos lembrar que este nome (Dialeto dos fragmentos) não é de Schlegel. O tradutor e organizador adverte, em nota preliminar, que “tomou a pequena liberdade de escolher um título que não consta na lista das obras de Schlegel. O dialeto dos fragmentos é uma tentativa de dar nome a três grupos distintos de reflexões que, embora diferentes, apresentam solução semelhante do ponto de vista da forma” (p. 9).

Se pensarmos o sentido da filosofia como reflexão sistemática, então algo como uma “filosofia do romantismo” não poderia ser senão um absurdo. De fato, em seu tempo como nos dias de hoje, o romantismo não foi considerado filosofia, e isso por um motivo simples: o privilégio do fragmento como forma de exposição ao invés de grandes sistemas. Ora, se o vigor de Kant, Fichte e Schelling se mostra precisamente na capacidade sistemática da exposição conceitual, como aceitar a confusão (aparente, cumpre adiantar) que o fragmento instaura no campo da especulação?

Kant sempre foi louvado pelo rigor e simetria que caracterizam sua exposição, por vezes até mesmo considerados excessivos. Mas não foi ele mesmo o responsável pela fragmentação da idéia metafísica de mundo? Por detrás

* Alunos de pós-graduação do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP.

de uma admiração que beira o assombro, o próprio Mendelssohn não hesitou em denominar o amigo de “tritura-mundo”. Quanto a Fichte, o que dizer das sucessivas elaborações de sua Doutrina-da-Ciência? Se nenhuma letra esgota o espírito, então deve existir sempre um trabalho de aproximação e distanciamento da reflexão com o objeto, que acaba por instaurar um certo caráter fragmentário no interior da rigidez sistemática.

De fato, como aponta Rubens Rodrigues Torres, “as esplêndidas construções sistemáticas que a tradição filosófica nos legou sob o título de ‘idealismo alemão’ (Fichte, Schelling, Hegel) edificam-se sobre um solo de crise – a metafísica minada pela crítica da razão (Kant) – e erguem sua travação conceitual como que a esconjurá-la. Do que se pensou no reverso desses sistemas, no epicentro dessa crise, os escritos do primeiro romantismo (Novalis, Tieck, os irmãos Schlegel) dão alguma medida, e não é de admirar que, já na forma, se apresentem como fragmentários”*. Logo se vê que o fragmento não é signo de incapacidade especulativa, mas antes uma nova perspectiva sobre os problemas levantados pelas grandes filosofias sistemáticas. A leitura dos irmãos Schlegel e de Novalis sugere uma compreensão refinada e precisa de aspectos da filosofia de Kant e seus seguidores, apontando para o fragmento como possível solução para a crise da metafísica que assola o final do século XVIII.

A língua alemã permite estabelecer, como nota o mesmo Rubens Rodrigues, a relação entre a palavra *Fragment*, o verbo *fragen* (perguntar, questionar) e o adjetivo *fragwürdig* (problemático, digno de questionamento). O fragmento é então problemático (ou questionável) em si mesmo. Trata-se assim de trazer o problema para o interior da reflexão filosófica, desdobrada necessariamente também na forma. A rigidez conceitual própria ao sistema cede lugar a uma articulação que não se furta a pensar a crise da metafísica nos próprios termos em que ela se apresenta. Longe de significar descaso e falta de rigor conceitual, o fragmento pode ser visto como sinal de maturidade filosófica, como bem assinala Márcio Suzuki na Apresentação: “em vez de sintoma de um fracasso intelectual, a percepção da fragmentação e dilaceramento da consciência poderia ser antes considerada como um dos instantes em que o

* Em introdução a Novalis, *Pólen*. Tradução, comentários e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Iluminuras, 1988, p. 11.

idealismo alemão se dá conta de seus limites, em que passa a investigar seus próprios pressupostos e a corrigir seus desvios: abdicar da pretensão de estabelecer pelo viés da teoria, um sistema do saber absoluto, minimizando o alcance especulativo da dialética. No caráter assistemático da reflexão schlegeliana já se evidenciam os principais elementos deflagradores da crise do idealismo, cujo desfecho será a filosofia positiva do último Schelling e a filosofia da vida do próprio Schlegel” (p. 12).

Se por um lado o fragmento espelha a crise do idealismo, por outro ele traz, na marca de sua própria forma, os termos em que o romantismo pensa a possibilidade de uma nova filosofia: a união entre a filosofia e a vida. No fragmento 206 do *Ateneu* pode-se ler: “um fragmento tem de ser como uma pequena obra de arte, totalmente separado do mundo circundante, perfeito e acabado em si como um porco-espinho”. Não obstante o fato de, enquanto forma particular da natureza, ser perfeito e acabado em si, o porco-espinho aponta para todos os lados, e nessa medida ele é particular e universal ao mesmo tempo.

A metáfora orgânica não aparece por acaso: o que ela mostra é a própria relação existente entre os elementos da natureza, indivíduos particulares interdependentes, formando uma totalidade organicamente articulada. Dessa maneira, o fragmento torna-se também o espelho da própria vida orgânica, e a filosofia é pensada sob o signo da mesma vida. Aproximar a filosofia da vida é levá-la para o âmbito da positividade, reverso da mera negatividade lógica dos sistemas. Mas Schlegel não abandona a idéia de sistematicidade: o que o fragmento introduz é um desdobramento que permite conceber o sistema não apenas como edifício fechado, mas também como uma totalidade em que a fragmentação não é suprimida, mas mantida na própria articulação. Isso significa abrir caminho para que não se forme apenas *um* sistema, mas uma diversidade de sistemas que se interpenetrem, sem que haja prevalência de um sobre outro. O conhecimento não é mais pensado de maneira unívoca, mas equivocamente, ou seja, a partir de uma concepção aberta que admite diversos pontos de vista que apontam, cada um à sua maneira, para uma comunidade e igualdade entre eles, que é dessa maneira apenas postulada, mas não realizada. A crise da metafísica pode assim ser superada através da incorporação da fragmentação que ela instaura, e o fragmento se mostra, paradoxalmente, como a forma sistemática por excelência da reflexão filosófica.

Nessa perspectiva, a negação dos sistemas do idealismo pode se dar em termos absolutos, mas deve ser entendida como uma releitura dos mesmos. Estes fragmentos permitem ver em Schlegel não apenas um filósofo, mas um filósofo que incorpora a história da filosofia em cada momento constitutivo de seu pensamento. O “dialeto dos fragmentos”, longe de aparecer como algo restrito, abre espaço para a conversa (*Gespräch*) entre os diversos sistemas. Na medida em que aponta para todos os lados, o fragmento se apresenta como um dialeto que sabe ser universal sem perder de vista a particularidade que o caracteriza e, nesse sentido, ele é dialeto e língua universal ao mesmo tempo.

O volume que a editora Iluminuras publica agora entre nós reúne a tradução de três conjuntos de fragmentos de Friedrich Schlegel, intitulados *Ateneu*, *Liceu* e *Idéias*, além de um suplemento com observações de Novalis ao *Ateneu*. A qualidade do trabalho de Márcio Suzuki se mostra não somente na tradução, mas também no talento de intérprete desse dialeto peculiar e nem sempre acessível, talento que se evidencia na introdução e nas notas que acompanham o texto, orientando o leitor ao situar o pensamento de Schlegel tanto conceitualmente como historicamente.

Esta edição vem somar-se a outro volume com textos de Schlegel já disponível ao público brasileiro (*Conversa sobre a poesia*. Tradução de Victor-Pierre Stirnmann, Iluminuras, 1993), fazendo assim com que o público de língua portuguesa possa ter acesso a um pensamento original e instigante, mas até aqui pouco conhecido. Com isso, temos o privilégio de poder redimensionar adequadamente os desdobramentos que a história da filosofia alemã conhece após Kant; mas também, o que não é menos importante, aprender ainda uma vez que a reflexão se contrói acima de tudo com liberdade e gosto, como não cessam de mostrar estes paradoxais “fragmentos do idealismo alemão”.